



KÁTIA OSÓRIO

AGRESSÃO DOMÉSTICA UMA HISTÓRIA REAL

Um relato verídico de quem conviveu anos
ao lado de um agressor e
sobreviveu.

Prefácio

Olá, caro leitor ou leitora, não sei em que situação você está lendo este livro, mas sugiro estar preparado para entrar em uma realidade difícil, pode ser que você esteja passando pelas mesmas coisas que serão retratadas aqui, neste caso você se identificará, mas caso não seja a sua realidade, acredite, não é falso, eu sei pois passei por boa parte dessa história junto da autora, fiz parte desse passado. A essa altura você deve estar se perguntando quem sou eu, meu nome é Kawan e sou fruto desse relacionamento abusivo e filho dessa mulher guerreira que dedica grande parte de seu tempo para evitar que outras mulheres passem pelas mesmas coisas pelas quais ela já passou e as que já estão sofrendo saibam que é possível sobreviver a um relacionamento abusivo. Pode parecer que eu esteja puxando o saco porque ela é minha mãe, mas quando terminarem o livro entenderão que essa admiração é genuína de quem viu e participou dessa realidade que afeta muitas mulheres ao redor do mundo.

Neste livro vocês encontrarão uma história real que por pouco não entrou para as estatísticas de feminicídio, o objetivo do livro não é chocar, mas seu conteúdo é chocante por si só, é difícil uma história que aborda assuntos tão pesados como estupro, drogas e violência doméstica não chocar, mas além de tudo isso esse livro trata mesmo de sobrevivência, a ideia dele é mostrar que é possível se libertar e ser feliz mesmo com as cicatrizes e sequelas, é possível seguir em frente.

Sumário

Cap. I – Infância e adolescência.....	4
Cap. II - Convívio e ensinamentos preciosos do Pai.....	7
Cap. III – Momento em que conheceu aquele que seria seu agressor.....	11
Cap. IV – Início do relacionamento abusivo.....	14
Cap. V – Primeira gravidez.....	20
Cap. VI – Nascimento do filho.....	22
Cap. VII – Reconhecimento que estava vivenciando um relacionamento abusivo	27
Cap. VIII – Começou a se rebelar contra os abusos.....	29
Cap. IX – A fuga	40
Cap. X – Libertação	50
Cap. XI – Nova vida	57
Cap. XII – Meu agressor	64

Cap. I – Infância e adolescência

Minha história começa com 01 ano de idade, quando meus pais se separaram, acredito que tenha sido o primeiro drama. Isto porque minha mãe biológica deixou-me com meu pai, porém meu pai, impossibilitado de cuidar de uma criança de 01 ano de idade sozinho, teve que me deixar com sua irmã, a qual me adotou como filha. Não tive mais contato com minha mãe biológica.

Sendo assim, todas as vezes que eu me referi à minha mãe, vocês já sabem que é a adotiva, que na realidade é minha tia.

Pensem na confusão para uma criança explicar que sua mãe é irmã do seu pai, muito estranho para quem ouve, mas cresci nessa realidade e nunca foi problema pra mim, e não pensem que o fato de ter sido deixada pela mãe biológica me deixou revoltada ou carente, de forma alguma, nunca senti falta de amor de mãe, porque eu tenho mãe. Da biológica ficou somente o nome no meu RG.

Fiquei morando com minha mãe em Belém até meus 07 anos de idade, quando finalmente meu pai pôde me buscar e fui para Campinas morar junto com sua nova família em uma vila militar.

A vida na vila era tranquila e cheia de proteção, porém conforme eu ia crescendo, eu comecei a sentir falta de liberdade, aquela proteção toda me fazia imaginar o que havia fora dali.

Foi quando, por volta dos meus 16 anos, eu conheci alguns motociclistas, lembro que eu estava em casa lendo o livro

Éramos Seis para uma prova, quando comecei a ouvir um burburinho vindo da rua.

Não contive minha curiosidade e fui ver o que era e me deparei com 5 rapazes montados em suas motos, para quem mora em um local dito normal, esse fato é algo corriqueiro, mas para quem mora em uma vila militar onde ninguém estranho entra, esse fato é algo marcante.

As minhas amigas ficaram todas alvoroçadas com os visitantes, afinal eles eram diferentes, bonitos, tinham um papo diferente, elas logo se interessaram no sentido paquera, mas eu os via como seres do mundo exterior e eu queria saber tudo. Até que um dia, um deles nos convidou para dar uma volta, minhas amigas ficaram tímidas, mas eu não parei pra pensar e logo aceitei, eu precisava sentir o que era aquela novidade, foi a primeira vez que eu senti o vento batendo no rosto, a velocidade da moto fez meu sangue ferver, eu senti o gosto da liberdade e sabia que precisava disso pro resto da minha vida.

Eu sabia que não tinha nascido para ficar presa em uma vila militar. Depois do passeio com a moto o mesmo rapaz me apresentou uma música que mais uma vez ferveu meu sangue, ele me mostrou Iron Maiden, aquele som forte, rebelde que me fez sentir eletrizada e ter mais vontade de descobrir o mundo. Minha rebeldia em busca de liberdade era o que me movia, meu desejo pelo desconhecido era quase que incontrollável, não suportava ficar dentro da vila por me sentir presa. Aquela superproteção militar me sufocava, por esse motivo eu sempre arrumava uma maneira de me rebelar, fosse através das roupas, do som mais pesado ou saindo sem destino de casa, mas eu precisava extravasar toda a energia acumulada dentro de mim.

Quando eu completei 18 anos, meu pai adoeceu com um câncer terminal, foi um choque pra mim, fiquei sem ação, não chorei, não perguntei nada, apenas saí e fui ao colégio anestesiada, tentando digerir a notícia que minha madrasta havia me dito. Por fim, um amigo veio perguntar se eu estava bem e eu desabei nos ombros dele, eu não podia acreditar que não havia mais nada a se fazer, eu não podia acreditar que meu pai iria morrer, foi um momento de extrema tristeza e revolta ao mesmo tempo.

A doença do meu pai fez minha mãe vir de Belém para Campinas para ficar mais próxima de seu irmão, mas devido a divergências com a minha madrasta, ela não ficou conosco na mesma casa e mudou-se para outro bairro.

Como eu e minha madrasta também não nos entendíamos, passei a ficar mais na casa da minha mãe pra evitar brigas em casa, o que deixava meu pai aborrecido.

Eu passei a me dividir entre minha casa e a casa da minha mãe e assim estava perdendo a referência de onde era meu lugar.

A família mudou-se para a casa que meu pai construiu em Sumaré, casa onde meu pai passou seus últimos dias.

Cap. II - Convívio e ensinamentos preciosos do Pai

O falecimento do meu pai foi um divisor de águas na minha vida. Embora meu pai fosse um militar, ele não era do tipo autoritário, muito pelo contrário, ele entendia minha fome de liberdade, nunca me proibia de nada, apenas me lembrava de que meus atos eram de minha responsabilidade e somente eu poderia responder por eles.

Meu pai nunca me proibiu de namorar, viajar, sair, sua preocupação era somente com meu bem-estar, ele confiava em mim e na educação que havia me passado.

Eu amava dançar, mas não tinha idade para sair, então aos 12 eu fugia algumas vezes para ir aos “bailinhos” do clube aonde minha irmã mais velha ia se divertir, eu pulava a janela e de carona eu ia até a sede, chegando lá eu dizia à minha irmã que não contasse nada ao pai ou eu mentiria que ela estava namorando.

Certa noite ela saiu antes de mim e fechou a janela, então fui obrigada a bater na porta e quem atendeu foi ele, ao me ver perguntou onde eu estava e eu respondi a verdade.

Ele disse que me daria uma surra e eu respondi que ele poderia me bater, porque eu já tinha feito o que queria fazer. Chocado com a minha atitude, ele disse que eu estaria de castigo, o que não aconteceu porque eu simplesmente fugia, eu não aceitava me sentir confinada.

Tempos depois, minha irmã voltou para Belém e foi morar com a mãe dela, eu fiquei sendo a única menina em casa. Como eu era

rebelde, creio que meu pai ficou com receio que eu me envolvesse em alguma confusão, foi então que ele, com a autorização do exército, organizou um mutirão para construir um salão de festas na vila militar.

Lá, eu e meus amigos começamos a nos reunir para nos divertir, o salão foi palco de grandes momentos na vila, como Natal onde todos os moradores se reuniam, aniversários, festas juninas, momentos de pura diversão onde eu poderia me divertir protegida, ou seja, de forma inteligente me manteve protegida.

Certa vez, eu cheguei em casa um pouco bêbada levada por um dos motociclistas, já mencionado anteriormente. Estávamos em uma festa na própria vila militar, ele passou mal e vomitou na garagem, meu pai o ajudou até ele ter condições de ir embora.

No dia seguinte, meu pai não deu sermões como se espera, apenas queria saber como eu estava me sentindo, porém em um sábado à tarde ele me chamou para acompanhá-lo a tomar cerveja, ele havia feito uma mesa debaixo de uma árvore em nossa casa onde ele gostava de beber, foi a primeira vez que eu me sentei com meu pai pra conversar.

Naquele sábado, ele me ensinou que bebida quente, se bebe sem gelo, eu bebi Whisky, conhaque, pinga e então passamos para as bebidas geladas como: caipirinha, cerveja, e batidas.

Eu bebi tanto que não me recordo de como fui pra cama, apenas me lembro de ter acordado com meu pai ao meu lado, ele havia ficado o tempo todo junto a mim para me socorrer caso eu passasse mal.

Eu acordei com dor de cabeça, mal-estar e confusa por não me lembrar de como eu cheguei na cama, então ele me explicou que quando bebemos muito de forma irresponsável, ficamos sem domínio do nosso corpo.

Neste momento, estamos nas mãos de quaisquer pessoas que possam nos fazer mal, eu poderia sim beber com amigos, mas jamais beber a ponto de perder o controle sobre mim.

Este era meu pai, nunca impunha sua vontade, mas sabia conduzir as coisas com criatividade, me ensinava com exemplos, pois entendia que a mim não adiantaria um não sem uma explicação.

Ele sempre me educou para eu saber conduzir minha vida sozinha, a impressão que eu tenho é que ele sabia que não estaria ao meu lado por muito tempo.

Com o falecimento do meu pai, eu fiquei morando com a minha mãe em Campinas.

Acontece que ela tem outro método de criação, outras regras com as quais eu não estava acostumada, eram horários para estar em casa, eu não podia sair sozinha, eu não podia viajar sozinha, meus namorados e amigos precisavam de sua aprovação.

Minha mãe, por ser uma pessoa muito protetora, estava sempre querendo participar de todos os meus passos, o que me deixava sufocada e me sentindo aprisionada.

Ao contrário do meu pai, ela mostrava autoridade e eu era obrigada a fazer as coisas conforme sua vontade. Hoje eu entendo que esse era o jeito de amar e me proteger.

Talvez com o fato de nos vermos somente uma vez por ano nas férias ela não tenha entendido tão bem minha maneira livre de ver o mundo e então começamos a nos desentender.

Cap. III – Momento em que conheceu aquele que seria seu agressor

Minha mãe tinha um escritório de advocacia no centro de Campinas, foi onde eu conheci o pai do meu filho, ele vendia pôsteres e estava voltando à cidade após ter morado por tempos em Ubatuba.

Era um rapaz muito comunicativo e envolvente, com uma conversa interessante de uma vida sem amarras, logo me interessei e começamos a namorar, ele me fazia rir porque parecia uma criança, estava sempre feliz.

Ao lado dele a vida parecia ser uma grande festa.

Além de toda a alegria contagiante dele, ele tinha um lado humano e generoso difícil de se encontrar, sempre querendo ajudar as pessoas.

Para ele, não existia a barreira da classe social. Ele tratava um mendigo da mesma maneira que tratava um empresário bem sucedido, sempre respeitoso e carinhoso com todos, o que o fazia ser aceito e querido pelas pessoas sem distinção.

Ele não se apegava a bens materiais e não escolhia suas amizades pelo poder aquisitivo. Eu, que não aguentava mais tantas regras de comportamento impostas, fiquei encantada com aquele rapaz livre de quaisquer preconceitos.

Com ele, tais regras simplesmente não existiam, ao lado dele eu não precisava estar sempre bem vestida, eu não precisava me comportar como uma “moça de família”, eu não precisava

escolher minhas amizades baseadas em conceitos sociais, eu não precisava estar maquiada com os cabelos sempre devidamente arrumados. Ao lado dele, eu simplesmente podia ser eu e assim ele me conquistou. Assim comecei o mais longo e marcante capítulo da minha história até então. Envolvi-me com o rapaz que iria mudar a minha vida literalmente, transformar a menina valente, livre e cheia de sonhos em alguém que eu jamais imaginei ser.

Minha mãe não aceitou o namoro, com toda a razão, afinal ela como uma mulher experiente logo percebeu o buraco em que eu estava entrando, mas minha rebeldia e fome de liberdade me deixaram cega, e os conselhos de minha mãe soavam para mim como mais uma proibição sem nexos.

Suas palavras me deixavam revoltada, eu não entendia que ela estava querendo me proteger do desastre visível, em minha cegueira eu acreditava que ela estava querendo interferir na minha vida e tentando me controlar.

Sem meu pai não havia motivos para minha mãe continuar em Campinas, então íamos voltar para Belém, mas eu resolvi que iria ficar.

Meu plano era: eu ficaria hospedada por um tempo no apartamento do meu novo namorado até arrumar um emprego, depois alugaria um apartamento pra mim, e seria dona do meu nariz, simples assim.

Ao contar meus planos, meu namorado prontamente me apoiou, disse que eu estava certa em me rebelar, afinal eu já tinha 20 anos, e foi exatamente o que eu fiz, poucos dias antes da mudança eu comuniquei à minha mãe a minha decisão.

Ela, por sua vez indignada, disse-me que se eu saísse de casa, era pra esquecer que tinha mãe, então eu juntei umas peças de roupas em sacolas de supermercado e saí de casa acompanhada da pessoa que passaria a ser meu dono.

Minha mãe voltou para Belém.

Cap. IV – Início do relacionamento abusivo

No começo foi tudo festa, conheci várias pessoas aparentemente bacanas, fui recebida bem pelos “amigos” dele, me sentia em plena liberdade, formávamos um casal perfeito, dançávamos, nos divertíamos e ele estava sempre de bom humor, tratava-me com tanto carinho e proteção que eu me sentia quase uma divindade ao seu lado, éramos realmente um casal de pura felicidade, mas eu precisava voltar à realidade e chegou o momento de eu procurar emprego e um local para morar. Então tudo mudou. O rapaz gentil e alegre, aquele namorado bacana e compreensivo, mostrou-se um ditador, eu não podia trabalhar, ele não admitia que eu tivesse contato com outras pessoas sem a sua presença, e trabalhar estava fora de questão, para ele, eu querer seguir com a minha vida de forma independente, morando sozinha e trabalhando, era ofensivo, ele podia me sustentar e me dar quaisquer coisas que eu desejasse, e por esse motivo não tinha necessidade de me afastar dele.

Ele decidiu que eu não iria sair de seu lado porque eu pertencia a ele.

Eu não aceitei essa imposição, eu sentia que eu tinha direito de seguir com a minha vida, morar sozinha, e ter meu espaço. Eu continuaria sendo sua namorada, mas queria ser independente, afinal eu saí de casa justamente porque me sentia prisioneira e não achava certo ele me proibir de nada, e o enfrentei saindo sozinha em busca de um emprego. Quando retornei para casa, ele estava possesso de raiva e os primeiros tapas chegaram, eu fiquei com muito medo e quis me afastar dele, mas ele veio arrependido dizendo que me amava e perdeu a cabeça porque

eu não entendia que o motivo de ele não deixar eu sair sozinha era para a minha proteção.

Assim, todas as vezes que eu cogitava a ideia de morar sozinha, eu apanhava e logo em seguida vinham pedidos de desculpas.

Longe da minha mãe e sem muito contato com meus irmãos, eu me vi sozinha em suas mãos, o namorado doce e gentil se transformou em meu dono.

No começo de relacionamento, eu não percebia que as drogas usadas por ele e seus amigos eram na verdade uma forte dependência, e as mesmas drogas que antes o deixavam mais solto e alegre agora o deixavam agressivo.

Eu passei a temer pela minha vida. Eu não saía mais sem a companhia dele, porque em sua mente eu iria traí-lo, nenhum homem podia olhar para mim porque eu logo era culpada de ter provocado o olhar e dessa forma como punição eu apanhava.

Como eu já pertencia a ele, fui apresentada à sua família como sua esposa. Sua família é formada de pessoas maravilhosas que me receberam de braços abertos, mas eu tinha medo de contar o que estava acontecendo comigo, e fui me envolvendo e me afundando a cada dia mais naquele relacionamento abusivo.

Nossa primeira moradia como um casal foi um pequeno apartamento e, para pagar as contas, ele passou a comercializar drogas com um de seus amigos. Agora ele não só consumia, mas traficava, e diariamente chegavam tijolos de cocaína, e nosso apartamento aos poucos foi virando ponto de consumo dos clientes.

Só podíamos abrir a porta mediante uma batida com código, caso contrário poderia ser a polícia.

Meu medo era constante porque eu sabia que a qualquer momento eu poderia ser presa.

Certo dia, a namorada de seu sócio, que havia sido recém-libertada da cadeia, estava no apartamento e eu não sei por qual motivo ela ficou brava comigo e começamos a discutir.

Então, ela puxou uma faca e disse que ia me matar. Eu estava com tanta raiva que fiz o mesmo.

Eu sabia que não tinha chances contra ela, mas a enfrentei mesmo assim, e para a minha sorte meu dono chegou acompanhado de seu sócio e os dois puderam conter a minha morte certa. Desta maneira, acabou a sociedade entre eles, deixamos o apartamento para o casal como pagamento da dívida que ele tinha com seu sócio, tempos depois soubemos que houve uma batida policial e o casal foi preso, nunca mais os vi.

Nossa vida era estar sempre mudando de casa, éramos despejados frequentemente por falta de pagamento do aluguel, isto porque o dinheiro era usado para sustentar seu vício, e como ele era um excelente artista, ele trabalhava fazendo bicos de letreiro e eu passei a receber minha pensão militar. Porém, o dinheiro não ficava comigo, ele alegava que eu era burra para administrá-lo.

No começo eu tentei reagir, mas logo desisti devido às agressões. O medo já estava me dominando, eu sabia que estava sozinha.

Embora meu sonho sempre fosse ser mãe, eu sabia que aquele não era o melhor momento, então consegui comprar pílula anticoncepcional com o dinheiro que seria pra comprar comida e comecei a me proteger escondida de uma gravidez indesejada, mas um dia ele pegou na minha bolsa as pílulas e neste dia ocorreu a primeira surra propriamente dita.

Ele me acusou de tomar pílula por estar saindo com outro homem e jogou tudo fora. Em uma explosão de fúria, atacou-me com socos no rosto e chutes enquanto me xingava.

Essa foi a primeira vez que vi meus olhos roxos, e meu corpo com hematomas. Eu fiquei com tanta vergonha que tive que inventar desculpas para as pessoas que me perguntavam o que tinha acontecido.

Nós tínhamos relações sexuais quase que diariamente, no começo do namoro era prazeroso, porém logo que as agressões começaram, o prazer tornou-se tortura, eu me recusava no começo, mas não adiantava eu me negar, ele queria e era isso que importava.

Ou eu aceitava, ou eu apanhava. No momento do ato sexual, eu pensava em qualquer coisa para tentar esquecer o que estava acontecendo e torcia para que tudo terminasse logo, passei a usar roupas menos provocativas possíveis para ver se assim ele não tinha desejo pelo meu corpo.

Mas, de nada adiantava e ele olhava pra mim, sentia vontade de transar e transava comigo, ele até me fazia carinho e me beijava, mas o que para ele era um ato de amor, para mim era algo profundamente invasivo. Eu me sentia como uma escrava sexual que não tinha o direito de negar, eu tinha o dever de fazê-lo

satisfeito sexualmente da forma que ele julgava ser mais prazerosa para ele.

Na época eu não sabia que isso era estupro, pois sendo eu esposa dele, eu acreditava que ele tinha direitos sobre meu corpo.

As relações vaginais eram muito difíceis para mim, mas ele ficava saciado e era isto que importava.

Porém, com o tempo tais relações já não o satisfaziam, então vieram as relações anais, muito piores porque eram muito doloridas. Algumas vezes eu chegava a chorar e ele me acusava de ser uma mulher frígida porque eu não fazia os movimentos esperados por ele.

Eu não correspondia às suas expectativas de mulher fogosa.

Mesmo sendo frígida aos seus olhos, ele contou cheio de orgulho para seus irmãos e irmãs que eu estava “cedendo” meu ânus pra ele e todos riram muito.

Um fato que me marcou foi o falecimento de uma de suas primas, fomos ao velório e por eu estar cansada de ficar de pé, resolvi sentar na beira do muro, em que havia uma grade como bolas nas pontas, quando fui me sentar uma das irmãs brincou para eu ter cuidado pra não sentar nas tais bolas, porque elas poderiam entrar dentro mim.

Todos riram com a piada, menos eu que me senti envergonhada e humilhada.

Eles não faziam ideia de que as relações anais não eram com meu consentimento, eu não tinha relações anais porque eu era

uma mulher fogosa e liberal, mas sim porque eu era forçada a ter, eu era estuprada quase que diariamente, meu corpo era violado, mas ele fazia parecer que eu gostava e sentia prazer cada vez que ele me penetrava de todas as maneiras.

Por isso ele contou a todos cheio de orgulho de sua esposa fogosa e as pessoas acreditaram que eu realmente era liberal a ponto de não me importar em ter minha vida sexual exposta daquela maneira.

Cap. V – Primeira gravidez

Com tantas relações sexuais sem a devida proteção, a gravidez foi inevitável.

Eu sabia que não era o momento da vinda de uma criança, e por esse motivo me assustei muito com o positivo, mas o susto logo deu lugar à felicidade, meu sonhado filho estava a caminho.

Nesta época, estávamos morando na casa de uma cunhada, pois tínhamos sido despejados por falta de pagamento de aluguel, embora a situação não fosse a mais convidativa. Parecia que as coisas iam melhorar, afinal as agressões haviam parado devido a estarmos na casa da cunhada, a chegada do filho podia mudar tudo, eu estava esperançosa.

Comecei o pré-natal e tudo corria bem, o bebê era um menino e se chamaria Kawan, estávamos vivendo um momento de paz, até que no 6º mês de gravidez, eu parei de sentir o bebê mexer.

Fui ao médico, e para a minha surpresa o bebê estava morto dentro de mim, foi como se eu estivesse vivendo um filme.

De repente, tudo estava desmoronando, fui internada e fiz um parto de um bebê morto, um momento traumatizante em que eu achei que fosse enlouquecer. Eu simplesmente não admitia sair da maternidade sem meu filho nos braços, cheguei a ser impedida de visitar os recém-nascidos, pois tinham receio de que eu sequestrasse algum bebê, e no estado em que eu me encontrava não era difícil eu cometer tal loucura.

No dia em que eu recebi alta da maternidade, pra minha surpresa meu “dono” apareceu com um boneco enrolado em uma manta e me entregou. Este gesto de grande generosidade revela o outro lado dele, um homem capaz de se sensibilizar com o sofrimento alheio quando ele me viu completamente sem chão.

Ele naquele momento foi o meu amparo, então eu saí da maternidade com o boneco nos braços como se fosse meu bebê.

Dias depois, veio o diagnóstico da perda do bebê, minha placenta havia envelhecido antes do tempo, e o feto havia falecido sem oxigênio.

Segundo os exames, eu tenho um problema em que meu organismo reconhece o feto como um corpo estranho dentro de mim, e por esse motivo tenta livrar-se dele, o médico me disse que dificilmente eu seria mãe.

Cap. VI – Nascimento do filho

Passada a perda do bebê, alugamos uma casa e saímos da casa da minha cunhada, e tudo voltou ao que era antes: surras, humilhações, estupros, enfim a vida tinha voltado ao “normal”, até que engravidei novamente e eu voltei a ver luz, desta vez o positivo não foi assustador, mas sim motivo de felicidade para mim, pois eu queria tanto um filho, eu precisava tanto de um filho para dar algum sentido na minha vida. Ver minha barriga crescer, e sentir meu filho mexer dentro de mim, era motivo de pura felicidade, eu não me importava com nada, nem quando meu dono me humilhava dizendo que eu não era sexy como as outras mulheres que ele via na rua.

Isto até me deixava aliviada porque ele não queria fazer sexo comigo, provavelmente fazia com outras, mas eu realmente não ligava, meu filho dentro de mim era tudo o que me importava.

No dia 12 de Junho de 1991, eu estava indo ao médico para mais uma consulta de rotina, lembrando que no ano anterior nesta mesma data eu havia perdido meu primeiro bebê.

Estava um pouco triste por me lembrar disso, porém aliviada por estar grávida novamente.

Ao ser consultada, meu médico disse para eu não me levantar da cadeira porque eu estava perdendo meu filho, meu colo uterino estava aberto, e meu bebê podia simplesmente cair, aquela informação caiu feito uma bomba em cima de mim.

Não podia ser verdade, eu não podia estar perdendo meu filho novamente, foi como reviver um pesadelo sem fim, fiquei tão

desorientada que eu comecei a chorar compulsivamente, me lembrava do diagnóstico de não poder ser mãe e me desesperava ainda mais. Vendo meu desespero, meu médico entrou em contato com a UNICAMP e relatou meu caso, eles aceitaram cuidar de mim e eu fui encaminhada à equipe no mesmo dia.

Chegando na UNICAMP, fui submetida a uma bateria de exames e me internaram para a realização de uma cirurgia chamada cerclagem, que é uma sutura cirúrgica com objetivo de manter o colo uterino fechado até o final da gravidez.

Geralmente, essa cirurgia é realizada a partir do 3º mês de gestação. A minha estava avançada, e por esse motivo os médicos não me deram 100% de sucesso no procedimento.

Eu me lembro de ter pedido para salvarem meu filho porque se eu o perdesse, não teria motivos para viver. A cirurgia foi um sucesso, e para eu continuar o tratamento, tinha que manter repouso absoluto e ir à UNICAMP 3 vezes por semana para exames.

Voltei para casa aliviada por meu filho estar comigo. Nesta época, uma amiga nossa estava morando conosco, pois estava separada do marido e precisava de um local para ficar até sua situação ser resolvida. Para mim era maravilhoso, porque era uma companhia.

Minha vida se resumia entre cama, banheiro e UNICAMP, e eu passava o dia conversando com meu filho.

Eu pedia muito pra ele não me abandonar, pra ele lutar comigo porque eu já o amava demais, o pai nunca fez carinho na minha

barriga, mas eu não parava de acariciar como se eu pudesse pegar meu filho dentro do meu ventre.

Certa noite, ele chegou em casa alterado pelas drogas e quis manter relações sexuais comigo, o que era proibido devido à gravidez de alto risco.

Como eu me recusei, ele começou a me agredir, e eu protegi a minha barriga porque ele queria esmurrá-la, então ele me socou várias vezes no rosto.

Com medo de ele conseguir atingir minha barriga, eu comecei a gritar muito por socorro e a nossa amiga que morava conosco apareceu e impediu que ele continuasse a agressão.

Então, ele saiu e ela permaneceu no quarto comigo, no dia seguinte me mudei pra casa da minha tia que mora próximo da UNICAMP com a desculpa de ficar mais fácil para as consultas.

Minha tia não sabia do terror que eu vivia até então e o medo e a vergonha me impediam de contar.

Como de costume, eu inventei desculpas para as marcas no rosto, eu realmente já estava boa em inventar desculpas.

Meu “dono” aparecia para me ver e era sempre amável e carinhoso comigo, o que me fazia imaginar que tudo havia mudado.

Eu conseguia ver somente o lado bom dele e com a gravidez e a paz na casa da minha tia, era como se todo o terror vivido não passasse de um filme ruim que havia acabado.

Os exames revelaram que meu filho era um menino e estava previsto para nascer dia 24 de Setembro.

Eu passava por vários aparelhos, a UNICAMP tem uma equipe maravilhosa que em nem um momento se descuidou de mim.

Certa noite, eu comecei a sentir algo estranho como uma pequena cólica, mas nada que incomodasse.

Meu primo ficou preocupado achando que eu estava entrando em trabalho de parto, mas eu estava tranquila quanto a isso.

Afinal, o que vemos na televisão são as mulheres começarem a gritar do nada, e a criança já nascer. Como no dia seguinte eu teria uma consulta, não me preocupei. Ao amanhecer eu fui para a tal consulta e para a minha surpresa, meu primo tinha razão, o que eu estava sentindo eram sim contrações e eu estava entrando em trabalho de parto.

A equipe que cuidava de mim entrou em estado de alerta, foi uma correria porque eu ainda estava com os pontos e não havia sala preparada, mas como são muito eficientes, logo deixaram tudo pronto.

Era dia 03 de Setembro, dia previsto para o nascimento do primeiro bebê que eu havia perdido em 1990.

Meu filho foi salvo no dia em que eu perdi o anterior, e adiantou seu nascimento para o dia que o anterior nasceria.

Naquele momento, eu decidi que ele se chamaria Kawan, para mim ele é o mesmo bebê que voltou para me salvar.

No momento de seu nascimento, o pai não fora encontrado, éramos somente nós dois, eu e o Kawan.

Toda a equipe médica e os enfermeiros que acompanharam meu tratamento se reuniram do lado de fora da sala de parto para observar pela janela de vidro, e no momento do nascimento todos cantaram a música da Xuxa “Vamos brincar de índio”, este sem dúvidas alguma foi o momento de maior emoção da minha vida.

Eu estava dando à luz ao meu tão esperado e já amado filho. Logo após o Kawan nascer, o levaram para os procedimentos pós-parto e eu também seria submetida a alguns procedimentos, me aplicaram uma substância chamada hisocel, à qual sou alérgica.

Mas não sabíamos, comecei a sentir meus membros paralisarem e um frio imenso, não conseguia falar nem enxergar com perfeição, mas podia ouvir e tinha consciência de tudo que estava acontecendo em volta.

Pude saber que estava tendo um choque anafilático, não podia acreditar que depois de tanto lutar eu estava morrendo e deixando meu pequeno filho.

Fiquei apavorada, e o pior é que não podia demonstrar meu desespero devido ao meu estado, felizmente o quadro foi revertido e assim que retornei às minhas funções imediatamente pedi para pegar meu filho nos braços, estávamos salvos e juntos novamente.

Cap. VII – Reconhecimento que estava vivenciando um relacionamento abusivo

Após ganharmos alta, fomos para uma nova casa maior onde tinha um quarto para meu filho, eu estava cheia de esperanças de uma nova vida onde tudo seria diferente, mas logo que o Kawan completou 1 mês, as surras, humilhações, estupros, violência emocional e tudo mais continuaram e a vida voltou como de costume.

Porém, agora eu tinha uma alegria, meu filho, não me importava tanto comigo, creio que havia me acostumado e passei a achar normal estar constantemente machucada.

Eu acabava me refazendo ao lado do meu filho que com apenas 2 para 3 anos passava a mãozinha ainda pequena sobre o meu olho roxo, ou algum hematoma que tivesse ficado após alguma surra, e sem chorar ele dizia que o dodói ia passar e beijava o local.

Hoje, eu lembro e me corta o coração, mas na época era como cura, aquela pequena criança tão inocente não estava me curando apenas as feridas externas, mas minha alma e me dando forças a cada dia.

Eu pensava muito no futuro do meu filho, caso eu viesse a morrer em alguma surra mais violenta, ele ficaria praticamente sozinho, então quis dar um irmão a ele, e engravidei novamente, mas eu abortei no 3º mês, tentei outra gravidez sem sucesso e mais um aborto aconteceu, então desisti.

Afinal, eu e o Kawan já havíamos contrariados os exames que diziam que eu não seria mãe.

A vida seguia sem muitas evoluções até o momento que meu “dono” montou uma agência de modelos localizada no centro de Campinas, era um empreendimento lucrativo e várias pessoas apostaram em seu crescimento, vários modelos se agenciaram, desfiles e festas foram realizados.

Financeiramente, parece que as coisas finalmente estavam progredindo.

Eu algumas vezes ia até a agência e em uma destas vezes entrou um fotógrafo para conhecer o local, e quem sabe fazer uma parceria.

Este fotógrafo era um colega meu da época de colégio, nós nos reconhecemos, mas eu não pude conversar com ele, por medo de ser mal interpretada pelo meu “dono” e apanhar, e também por vergonha da pessoa que me tornei, fingi não tê-lo reconhecido.

Em certo momento, meu colega de colégio voltou sua câmera para meu rosto eu imediatamente abaixei a cabeça por não suportar mais a vergonha, eu estava envergonhada de mim mesma, da vida que eu levava, da pessoa sem expressão e sem vida que eu havia me tornado, e começou a me dar uma saudade de mim, eu senti saudades daquela menina atrevida e decidida, senti saudades da Kátia e comecei a acordar, rever o colega de colégio de alguma maneira me resgatou.

Cap. VIII – Começou a se rebelar contra os abusos

Eu passei a me rebelar, não deixava que ele me tocasse passivamente, comecei a responder, comecei a me revoltar e não aceitar ser agredida sem revidar, com estas atitudes passei a apanhar mais.

Como eu não via saída para minha vida, os pensamentos de suicídio eram constantes, morávamos em um apartamento abaixo do qual havia muitas lanças pontiagudas.

Por diversas vezes, eu me sentei na janela enquanto estava sozinha em casa para me jogar em direção às lanças, mas me faltava coragem quando imaginava a dor do meu filho ao ver meu corpo morto.

Saber que meu filho iria sofrer era insuportável pra mim e então eu resistia à tentação em me matar.

Como me matar estava fora de cogitação, passei a pensar em matá-lo, eu estava tão perdida e fora da realidade que fui atrás de um traficante que morava próximo à nossa casa e pedi para que ele me ensinasse a diluir cocaína para poder injetar no meu dono.

Meu plano era matá-lo com overdose, e como ele era viciado, eu acreditava que sairia impune, mais uma vez imaginar o sofrimento do meu filho não permitiu que eu me tornasse uma assassina.

Certa vez, eu me enchi de coragem e fui conversar com meu “dono”, e pedi a separação, alegando não amá-lo e a resposta foi um soco no olho.

Ele me acusou de estar traindo-o e passou a me manter em cárcere privado, ele saía e levava a chave e grampeou nosso telefone.

Dias após esta conversa, eu na inocência liguei para um rapaz que conheci no supermercado onde eu fazia compras, ele era ex-marido de uma das modelos da agência e ainda tinha interesse por ela.

A ligação foi para informar sobre uma sessão de fotos que a modelo faria.

Durante a conversa, o assunto caminhou para a viagem que faríamos no Natal, eu estava preocupada com nossa cachorra, acontece que meu “dono” estava ouvindo tudo através do grampo e possuído pelos ciúmes confundiu toda a conversa, ele surgiu na sala gritando sem me dar oportunidade de eu me explicar, e já começou a me espancar. Ele me deu chutes, socos, e eu sem entender o motivo pelo qual estava apanhando, então ele me arrastou pelos cabelos até um dos quartos e me jogou com toda a força na cama, fazendo-a quebrar.

Eu bati minha cabeça na parede com tanta força que quase desmaiei, quando voltei a mim eu o vi com uma estaca do pedaço da cama em suas mãos vindo pra cima de mim.

Ele gritava que iria deformar meu rosto para que nenhum outro homem viesse a me olhar.

Quando ele avançou, eu bati em sua mão e a estaca rasgou um pedaço do meu queixo, mas ele voltou a avançar e neste momento meu filho chegou da escola e correu até o quarto se colocando entre mim e seu pai.

Ele conseguiu arrancar a estaca das mãos de seu pai e a jogou pela janela na hora que meu cunhado, irmão do meu “dono”, estava encostando seu carro para nos visitar.

Meu filho, em um ato desesperado, gritou por socorro para seu tio que veio imediatamente, e evitou a tragédia que estava para acontecer.

Após muita conversa entre os dois irmãos, meu cunhado me retirou do apartamento e me levou para a casa de uma tia.

Porém, ela estava viajando eu fiquei então em uma vizinha.

No dia seguinte, eu fui pra casa de uma moça que havia trabalhado como secretária da agência de modelos.

Como era véspera de Natal, eu queria comprar algum presente pro meu filho e pretendia vê-lo.

A moça me emprestou dinheiro e fui até o centro de Campinas em busca do tal presente.

Eu tinha em mente ligar para algum parente para me colocar em contato com meu filho para explicar que eu iria me separar de seu pai, mas lutaria por sua guarda.

Mas enquanto eu estava andando pela cidade, eu senti uma mão me segurando muito forte pelo braço.

Ao me virar, eu vejo que é meu “dono”, o pavor dominou meu corpo, aquele homem me olhava com ódio, eu fiquei com tanto medo e totalmente sem ação.

Ele me arrastou até um bar onde me ameaçou dizendo que iria dar um tiro na minha coluna, ele dizia que não ia me matar, e que ia me deixar tetraplégica caso eu não fosse com ele, e consumida pelo pavor eu fui.

Cheguei à casa de um parente onde finalmente eu abracei meu filho, eu estava tão machucada, o local onde a estaca me atingiu estava com um rasgo aberto, dava pra ver a carne sem a pele, meu sofrimento era tão visível que seus parentes não puderam fingir que não estavam me vendo morrer a cada dia.

O meu abalo emocional naquela noite de Natal foi tão imenso, que eu tive uma crise de apendicite que me fez desmaiar.

Levaram-me às pressas para o hospital onde me internaram e me operaram imediatamente, pois meu estado era grave.

Como eu não tinha outro lugar para me recuperar após a alta do hospital, eu voltei ao apartamento onde logo após a minha recuperação as agressões voltaram.

Porém, eu continuava enfrentando-o e me rebelando, os atos sexuais passaram a ser mais violentos porque eu não ficava mais quieta como antes, ficando evidentes os estupros.

Ele começou a mudar de tática, se fazia de vítima e colocava a culpa em mim das agressões.

Em seu discurso distorcido, eu era agredida porque eu não obedecia às suas ordens, em sua mente por eu ser sua esposa

eu era obrigada a ser passiva, aceitar todas as suas exigências sem nada reclamar.

Certa vez, ele me trouxe um par de alianças que mais pareciam algemas de tão grossas, e me obrigou a por no dedo, mas eu me recusei e furioso ele me mordeu no rosto com tanta força que quase arrancou um pedaço.

Mais uma vez, meu filho apareceu e se deitou entre nós evitando assim mais agressões.

No dia seguinte à mordida, ele me obrigou a ir à agência de modelos onde uma tia dele apareceu e me viu machucada.

Eu já não fazia questão de esconder meus ferimentos como antes, e contei abertamente tudo o que eu estava vivendo ao lado de seu sobrinho.

Ela ficou horrorizada e disse que iria me ajudar, ela pediu para ele me deixar sair com ela, como eu não tinha dinheiro eu só saía de casa junto com ele.

Eu precisei de sua permissão, o que foi concedido, afinal eu estaria na companhia de sua tia.

Era uma sexta-feira, e no período da tarde essa senhora me levou a um Centro Espírita de Umbanda. Eu não entendi muito bem o que eu fazia ali, durante o ritual foi pedido a mim bem como a outras pessoas a nos aproximarmos diante a uma vela, e fazermos um pedido para não falarmos do que se tratava. Feito isso, após os procedimentos religiosos voltamos pra casa, e nos comprometemos a retornarmos na sexta-feira seguinte, o que mais uma vez ocorreu com a permissão de meu dono, pois ele não sabia onde eu estava indo com sua tia.

Desta segunda vez, a coisa foi um pouco diferente, as pessoas que haviam feito seus pedidos anteriormente tinham retornado e fizeram uma roda e eu estava entre elas. Ao meio da roda, estava um senhor incorporado por um Caboclo que vinha em cada um e dizia se ajudaria ou não.

Para algumas pessoas, ele falou que naquela casa não era permitido fazer o que desejavam e aconselhava que tais pessoas abrissem seu coração para o amor.

Quando chegou a minha vez, eu estava assustada e apreensiva, pois eu havia pedido para tirarem o pai do meu filho da minha vida. Eu queria me separar dele, mas não queria seu mal, apenas queria ser livre para criar meu filho.

Então ele se aproximou e disse a mim que eles me ajudariam, pois minha vida corria perigo, eu não fazia ideia de como eu seria ajudada, mas foi a primeira vez que eu senti esperanças de me libertar.

Ele me informou que sou médium, e me pediu para que na próxima sexta-feira eu levasse uma saia branca.

Colocou sua mão sobre minha cabeça, e com um sorriso que me transmitiu profunda paz se afastou.

Voltei pra casa preocupada em como arrumar a tal saia, afinal eu não tinha dinheiro nem pra comprar uma agulha, mas estava decidida a dar um jeito.

Se era uma saia branca que eu precisava, era uma saia branca que eu teria.

Chegou a segunda-feira, meu dono saiu pra agência de modelos, meu filho estava na escola e eu fiquei sozinha no apartamento, comecei a assistir um filme sobre a vida da Tina Turner.

Sou fã da cantora e imaginei que seria um filme musical, porém a história dela caminhava para agressões vindas de seu marido, a cada cena de espancamento, estupro, tortura psicológica, e humilhação, eu me via retratada, era como se eu estivesse ali.

A história era de outra pessoa, mas os acontecimentos eram os mesmos que os meus, os sofrimentos eram os mesmos, e da mesma forma que eu vi e me identifiquei com tanta violência, eu vi como ela conseguiu se libertar, que foi fugindo.

Naquele momento, a emoção me dominava completamente, entre prantos por estar vendo minha vida retratada em um filme.

Eu tive uma espécie de estalo na minha mente e eu soube o que fazer, eu ia fugir, não sabia como nem quando, mas esta era a única maneira de eu me salvar.

No mesmo dia, eu tive uma ideia para confeccionar a tal saia branca.

Eu iria fazê-la à mão com uma cortina que não usávamos mais, porém queria a opinião da “tia”, mas com o telefone grampeado, eu fiquei com medo de ligar. Como meu dono não havia me deixado trancada no apartamento, eu acreditei não ter algum problema em ir até o orelhão que ficava na frente do prédio e ligar a cobrar.

Foi isto que eu fiz, o que eu não sabia é que a porta estava aberta justamente para eu sair.

Em sua paranoia, ele acreditava que eu sairia para encontrar meu amante, amante este que só existia em sua mente doentia.

Era uma armadilha, ele estava escondido me vigiando o tempo todo e quando eu inocentemente liguei pra sua tia, ele apareceu. Quando eu o vi, entrei em desespero e desliguei o telefone sem terminar a conversa, o que o deixou mais furioso e na rua mesmo ele começou a me agredir com chutes e socos entre xingamentos, acusando-me de o estar traindo.

Puxando pelos cabelos, arrastou-me até o apartamento onde a sessão de tortura continuou. Apanhei tanto, foram tantos socos no estômago, chutes, socos no rosto, e ele me socava e chutava em todo meu corpo que eu nem sentia mais dor, somente medo.

A lateral do meu olho esquerdo abriu e meu rosto ficou coberto de sangue que escorreu pela camiseta clara que eu vestia; ao ver meu rosto ensanguentado ele parou, acredito que se assustou com tanto sangue e eu pude falar pra quem eu estava ligando e o motivo da ligação.

Ele ligou pra sua tia que confirmou tudo, mas então ele entrou em outra paranoia e me acusou de estar possuída pelo demônio por ter ido a um Centro de Umbanda. O tal demônio era o motivo por ele me bater tanto, a culpa era minha de toda a agressão sofrida por anos.

Ele estava agindo controlado pelo demônio que me possuía, vi-me em um filme de terror.

Aquele homem estava fora de controle, e eu só conseguia pensar que iria morrer. O que seria do meu filho, meu filho não poderia ser criado por esse psicopata, e com esses

pensamentos eu entrei em choro profundo e pedi por favor pra ele não me matar antes de eu me despedir do meu filho.

Meu pedido fez com que sua expressão mudasse, ele pareceu ter pena de mim, tentou limpar meu rosto com as mãos, me abraçou e disse que íamos à igreja evangélica que ficava próxima ao prédio para que algum pastor retirasse o demônio que me possuía.

Fiquei aliviada porque finalmente alguém iria me socorrer e chamar a polícia para eu me livrar do pesadelo.

Fomos até a igreja, eu continuava com a mesma camiseta clara que a essas alturas estava coberta de sangue, o corte na lateral do olho não parava de sangrar e com esta aparência cheguei frente a um pastor que ouviu a história contada por ele.

Eu não pude falar nada, pois nem meu dono nem o pastor deixaram. Então, quando ele acabou de relatar os acontecimentos, para minha surpresa o pastor disse que eu estava sim possuída.

Colocou sua mão sobre a minha cabeça e os dois começaram a fazer algum tipo de oração. Eu fiquei atordoada, porque eu sabia que eu não estava possuída eu precisava de ajuda, eu estava sendo assassinada, mas não tinha mais forças para reagir, e fiquei aguardando o pastor chamar algum atendimento médico.

Mas pra minha surpresa, mais uma vez ao terminarem o que estavam fazendo, o pastor sem olhar para mim disse para ele me levar pra casa e dia seguinte irmos ao culto dos casais, pois o demônio que me possuía estava destruindo nossa família.

Senti-me vivendo em um mundo paralelo neste momento, como aquele pastor não chamou a polícia? Como aquele pastor não me socorreu? Como aquele pastor não me ouviu? Como aquele pastor estava me mandando pra morte?

Era tudo tão surreal que mais uma vez eu não tinha reação e voltamos para o apartamento, eu não sentia minhas pernas e nenhum outro membro do corpo, andava como gado indo em direção ao matadouro, sem expressão e aceitando o fim certo.

Ao entrarmos no apartamento, vimos que meu filho já havia chegado da escola e estava preocupado nos aguardando.

Quando ele me viu chegar com seu pai naquele estado, ele se desesperou, me abraçou forte e aquele abraço me tirou do estado de choque em que eu me encontrava.

Chorei muito nos braços do meu filho e pude dizer o quanto eu o amava, naquele momento eu estava me despedindo do meu filho.

Meu dono começou a falar da possessão demoníaca, e por esse motivo nós três tínhamos que orar e falando isso ele começou a fazer sua oração com uma Bíblia nas mãos, eu de mãos dadas com meu filho nos olhávamos o tempo todo e em meio a essa loucura meu filho sorria pra mim como quem quisesse dizer que tudo ficaria bem, suas pequenas mãos apertavam a minha me transmitindo confiança e me fortalecendo, ficamos por muito tempo dessa maneira até que o inesperado aconteceu, seu pai retirou o cinto que usava e começou a dizer que Deus estava o mandando retirar o demônio do meu corpo.

Ele dobrou o cinto no meio, e conforme ele puxava as duas pontas, fazia um estalo aterrorizante.

Ele nos rodeava, dizendo que não tinha jeito e ele teria que me eliminar para parar o demônio.

Sem parar de estalar o cinto, ele continuava a nos rodear.

Foi então que eu peguei a Bíblia que ele deixara no chão e entrei na paranoia dele.

Comecei a ler aquele livro sem parar, na realidade eu nem sabia o que estava lendo.

Mas isso foi acalmando meu dono, a essas alturas já estava escurecendo e nós três fomos para o quarto e nos deitamos na cama.

Meu filho não queria me deixar sozinha com seu pai e ficou conosco, seu pai adormeceu e abraçado comigo meu filho também.

Cap. IX – A fuga

Enquanto eles dormiam, pude raciocinar um pouco e me lembrei do filme que eu havia assistido, então preparei a fuga.

Sem fazer barulho, levantei da cama e peguei os documentos meus e do meu filho e os escondi em sua mochila de escola.

Como ele iria pegar a perua escolar no dia seguinte, eu desceria com ele e aproveitaria a ocasião para fugir.

Troquei a roupa ensanguentada e voltei pra cama. Quando amanheceu, eu chamei meu filho normalmente.

Seu pai acordou, e como se nada tivesse acontecido, me deu bom dia e pediu pra eu pegar dinheiro na sua carteira para pagar a perua.

Sem mudar minha rotina, troquei a roupa do meu filho, dei café da manhã a ele e descemos as escadas.

Quando nós dois chegamos à rua, eu disse ao meu filho que iria fugir, e que não aguentava mais viver daquele jeito. Perguntei a ele se queria vir comigo ou ficar com seu pai.

Ele me respondeu que queria ir com a mamãe, eu disse que eu não sabia aonde ir, que não tinha dinheiro e não sabia o que poderia acontecer, mas meu pequeno filho com apenas 07 anos de idade, mais uma vez deu aquele sorriso confiante e olhando dentro dos meus olhos me disse a frase que eu jamais esquecerei: “Eu quero ficar com você mamãe, eu confio em você mamãe”, vendo aquela criança depositando toda sua confiança e acreditando em mim, fez todo o medo sumir.

Uma força sem limites surgiu, uma coragem que eu não sei explicar tomou conta do meu corpo e segurando pelas mãos de meu filho eu disse: vamos embora e juntos começamos a correr pra longe do prédio.

Era o dia 08 de Junho de 1999, chovia muito naquela terça-feira, não podíamos pegar um ônibus porque os motoristas estavam em greve. Correndo na chuva, eu fiquei sem direção, foi então que meu filho gritou que estávamos voltando para o mesmo lugar, que estávamos voltando para junto de seu pai e realmente lá estava o prédio.

Fiquei apavorada, mas ele com uma surpreendente segurança e calma começou a me conduzir para longe, eu o segui sem largar sua mãozinha, corremos muito até que por fim chegamos a um curtume, e lá eu pedi socorro para o guarda da portaria.

Ao ver-me machucada, molhada pela chuva, com a respiração ofegante por ter corrido e segurando uma criança pelas mãos, o guarda logo nos convidou para entrar.

Eu pedi para ligar para a minha mãe em Belém, ele não fez perguntas e me emprestou o telefone.

Quando minha mãe atendeu, eu contei a ela que estava com o Kawan fugindo do pai dele, pois ele havia me agredido e eu pedi que se algo me acontecesse para que ela criasse meu filho, eu não tinha muito tempo para maiores explicações.

Minha mãe ficou apavorada, mas compreendeu minha pressa e me prometeu criar meu filho, pediu para eu procurar a polícia e retornar a ligação.

Com a certeza de que meu filho estaria bem caso eu morresse, eu desliguei o telefone e pedi para o guarda chamar um táxi para me levar à delegacia.

Ele, mais uma vez atendendo ao meu pedido, chamou o taxi e partimos eu e meu filho, para a delegacia das mulheres.

Ao chegarmos na delegacia das mulheres, nos deparamos com um aviso que só abriria às 08 da manhã, e ainda eram por volta das 7.

Como o local era um pouco deserto, o taxista não achou seguro nos deixar lá sozinhos.

Pois o pai de meu filho poderia aparecer, sendo assim nos encaminhamos a uma delegacia comum.

Lá chegando, fui atendida por um policial. Quando eu comecei a informar o motivo de eu estar fugindo com meu filho, eu senti um descaso.

Na verdade, me lembro de que o tal policial fez uma expressão facial puxando a boca para um dos lados.

E olhando pra cima, sem dar importância, como quem queria dizer que com tanta coisa mais importante acontecendo ele tinha que ouvir uma mulher neurótica.

Fiquei mais uma vez desapontada, pois estava pedindo socorro no local onde eu deveria me sentir segura e estava tendo um tratamento totalmente desinteressado.

Diante da minha visível frustração, o taxista, que não nos deixou entrar na delegacia sozinhos, pediu para eu não falar mais nada

e não fazer o B.O. naquela delegacia que ele nos levaria à delegacia da mulher e ficaria conosco até que esta estivesse aberta, e assim saímos e novamente nos encaminhamos à delegacia da mulher.

Realmente, ele ficou ao nosso lado até que a delegacia abrisse e só foi embora quando percebeu que eu e meu filho finalmente estávamos seguros.

Eu agradei ao taxista que se recusou a receber o pagamento pela corrida.

Ele me disse que não estava trabalhando naquele momento, mas sim nos socorrendo.

Eu achei essa atitude maravilhosa, ele se preocupou comigo e com meu filho sem ao menos me conhecer.

Não sei seu nome, mas sua atitude nobre será sempre lembrada por mim pela grandiosidade de seu ato.

Serei eternamente grata àquele taxista que nos socorreu.

Cercada pelas atenciosas e solidárias policia femininas, eu me senti segura e confortável para narrar o acontecido e fazer a queixa formal contra meu agressor.

Como eu não tinha familiares em Campinas, fomos encaminhados para a Casa Abrigo Feminina.

Passei por exames de corpo de delito que comprovaram as agressões sofridas.

A casa abrigo é um local onde mulheres vítimas de agressão ficam com seus filhos protegidas por policiais.

Para nossa proteção, não sabemos onde fica o endereço e não temos permissão para comunicar com pessoas de fora.

Não podíamos sair sem acompanhamento policial, toda essa segurança é para evitar que agressores venham a causar desconforto às suas vítimas.

Durante o tempo que passamos na casa abrigo, em aproximadamente um mês recebemos roupas de doação, já que fugimos com a roupa do corpo, tivemos auxílio psicológico também.

A limpeza e as refeições eram feitas por nós mulheres que estávamos sob a proteção policial.

Meu filho e as outras crianças tinham brinquedos e na inocência infantil acabavam esquecendo o porquê de estarem naquele local que não era sua casa.

Lembro que meu filho acabou se apegando a uma galinha de metal, dessas que se colocam os ovos dentro.

Não sei o motivo, mas ele a chamava de Watson e este tornou-se o brinquedo preferido dele durante nossa estadia. A Watson era sua companhia constante.

Assim que chegamos à casa abrigo, a psicóloga ligou para minha mãe e a deixou tranquilizada.

Também conversei muito comigo e com meu filho, explicou a dinâmica da casa e eu assinei um documento admitindo estar por vontade própria concordando com as regras do local.

Por uma semana, tive várias conversas que me fortaleceram para meu primeiro encontro com meu agressor que ocorreria na delegacia das mulheres.

No dia do encontro, eu saí sozinha acompanhada por policiais dentro de uma viatura e por uma advogada que ficou encarregada de acompanhar meu caso.

Quando cheguei à delegacia, meu agressor já estava lá acompanhado por seu advogado.

Eu pude sentir o ódio que saía de seus olhos, mas felizmente aquele ódio não podia me atingir naquele local.

Diante da delegada, ele afirmou que meu olho roxo era fruto de uma tentativa de incriminá-lo, que eu espontaneamente havia batido meu rosto contra uma mesa de centro, e os demais hematomas aconteceram porque ele na tentativa de evitar que eu me machucasse mais, segurou-me com força.

Tal história foi confirmada por seu advogado. Eu fiquei até sem palavras diante da absoluta cara de pau dos dois.

A delegada os confrontou com os resultados dos exames de corpo de delito que eu havia feito e que foi apresentado pela minha advogada, fazendo cair por terra a história mirabolante que haviam contado, obrigando seu advogado a assumir que seu cliente havia me agredido.

Foi marcada então a audiência para decidir a guarda do meu filho, sendo que ele ficaria comigo até a decisão do Juiz, e foi marcada uma data para eu poder retirar meus pertences pessoais do apartamento onde morávamos juntos.

No dia em que eu fui ao apartamento retirar nossos pertences, meu agressor estava no local.

Quando eu entrei no quarto do meu filho, ele tentou fechar a porta para falar comigo a sós.

Mas os policiais que me acompanhavam não permitiram, confesso que me senti tão protegida estando no mesmo ambiente que ele e não ser agredida que voltei para a casa abrigo muito mais confiante no nosso futuro, meu e do meu filho.

Os dias que se sucederam na casa abrigo foram de muita paz, as conversas com a psicóloga e com as policiais femininas fortaleciam a cada dia e meu filho como sempre ao meu lado me incentivando.

Conheci algumas mulheres na mesma situação que a minha, mulheres vítimas de agressão.

Uma delas estava se recuperando de uma cirurgia, ela havia apanhado tanto de seu agressor que alguns de seus órgãos internos haviam sido perfurados pelos ossos quebrados.

Outra escapou dos tiros que seu agressor havia disparado contra ela e seus 2 filhos, um deles, ainda bebê. Teve ainda uma moça que no dia que eu entrei estava saindo. Ela teve seu rosto queimado com água fervente jogada por seu noivo.

Essas e outras histórias de mulheres que eu não conheci me fizeram ver a realidade de muitas de nós.

Algumas, por apego ao lar ou por acreditar amar a pessoa que as agrediu, voltaram para seus agressores.

Porém, uma vez saindo da casa abrigo não temos mais a proteção do local.

Toda essa nova visão da vida e o encorajamento da psicóloga começaram a fazer uma transformação dentro de mim.

Eu não queria mais sofrer, eu não queria mais aquela vida que eu tinha, eu não merecia ser agredida, eu tinha direito à liberdade tão desejada, eu e meu filho merecíamos ser felizes, mas para isso eu precisava mudar, eu precisava lutar, eu passei a acreditar em mim, na minha capacidade, eu matei a frágil Kety e revivi a Kátia, só que muito mais madura, mais decidida e destemida.

Eu estava pronta para enfrentar meu agressor diante do Juiz de cabeça erguida e sem medos.

Enfim, chegou o dia de nos encontrarmos na frente do Juiz.

Cheguei ao fórum de Campinas acompanhada da minha advogada, e ele com seu advogado, trocamos olhares.

Pela primeira vez, eu não o temi, estava segura e decidida.

Tudo que eu queria era acabar logo com tudo aquilo. Na audiência, foi decidido que eu teria a guarda do nosso filho e ele teria o direito às visitas.

Foi estipulada a pensão e iríamos fazer a partilha dos poucos bens que possuíamos.

Porém, eu recusei receber algum objeto daquela vida sofrida.

Eu não queria algum bem, disse ao juiz que não desejava absolutamente nada material.

Eu queria somente minha liberdade e meu filho. O Juiz me informou que eu tinha direitos e não podia abrir mão deles, mas eu realmente não queria nada que me lembrasse da vida que eu tinha e reforcei que eu abriria mão dos bens.

Porém, fui informada que não poderia abrir mão da pensão, pois esta pertencia ao meu filho e seu pai era obrigado a pagar.

Desta maneira, foi decidido que ele pagaria somente a pensão a que nosso filho tinha direito. Assinamos os papéis da decisão e saímos da sala.

Por um momento, eu me separei da minha advogada para ir ao banheiro, e quando estava voltando eu o encontrei no corredor me esperando.

Ele estava com aquele olhar de superioridade, eu parei em sua frente.

Ele se aproximou de mim, segurou-me firme pelo braço e disse que iria me matar se eu realmente me separasse dele.

Se fosse alguns dias atrás, eu muito provavelmente iria ficar apavorada, mas naquele dia não era a frágil Kety que estava em sua frente.

Então, eu o olhei dentro dos olhos e falei que caso ele realmente fosse me matar, que me matasse naquele momento ou caso contrário eu o mataria porque ele não tinha noção da mulher que eu havia me tornado.

Pelo fato de que ele não tinha noção da mulher que ele fez brotar em mim, então seu olhar de superioridade sumiu dando lugar a outro de espanto.

Ele soltou meu braço, e como se não me reconhecesse, se afastou e não disse nem uma palavra.

Deixou-me passar em direção à minha advogada que presenciou a cena à distância.

Ela queria apelar para medida protetiva por ele ter se aproximado de mim e me ameaçado, mas eu não aceitei porque eu tinha certeza que ele não me faria mais mal. Isto porque ele sabia que eu não mais o temia.

Cap. X – Libertação

Ao voltarmos para a casa abrigo, a psicóloga e as policiais responsáveis pelo local queriam me encaminhar junto à minha mãe em Belém para eu ficar segura longe dele.

Mas eu me recusei, agradei profundamente tudo que haviam feito por mim e pelo meu filho. Mas ir para Belém desta forma me pareceu fuga e eu não ia passar minha vida fugindo.

Eu queria enfrentar a situação, eu não podia privar meu filho da companhia do pai, embora todas as atrocidades que eu havia passado eu não achava justo com os dois, pois eles se amavam e assim saímos no dia seguinte da casa abrigo e fomos para a casa da minha tia que fica em Barão Geraldo, um distrito de Campinas, recomeçar nossa vida.

Eu não podia perder tempo, tinha que resolver muitas coisas, entre elas eu precisava arrumar um emprego e um local para morar com meu filho.

Estas eram as prioridades, foi então que me lembrei do antigo colega de colégio, o fotógrafo, e fui até seu estúdio.

Meus olhos ainda traziam um pouco das marcas da violência, o que me deixou um pouco envergonhada ao ficar na frente dele.

Mas a vergonha logo foi embora quando eu comecei a contar que precisava de um emprego, porque tinha me separado e ele era a única pessoa que eu lembrei naquele momento para pedir ajuda.

Ele sem me fazer nem uma pergunta disse que poderia me ensinar a fotografar e eu aceitei a oferta. A verdade é que eu queria me encontrar com a menina corajosa e sedenta por liberdade que eu havia sido e meu único elo naquele momento com essa menina era o fotógrafo que havia me conhecido no colégio.

Voltei pra casa da minha tia com a certeza de que eu estava no caminho certo, na mesma semana fui em busca de uma casa para morar com meu filho.

Encontrei um apartamento pequeno que daria pra pagar com a pensão, mas quando checaram meu nome encontraram uma grande dívida no banco.

Eu fui até minha agência e o gerente me confirmou que devido a vários cheques sem fundo, eu estava com meu nome sujo, mas eu não havia passado cheques. Foi então que eu lembrei da compra de um carro que o pai do meu filho havia feito e os cheques eram meus.

Naquele momento, foi como se retirassem o chão dos meus pés. Eu chorei feito um bebê na frente do gerente que tentou me acalmar, me explicando que faltava 1 ano para caducar tal dívida.

Mas essa informação me deixou mais desesperada ainda porque eu não queria ficar um ano sem ter onde morar sozinha com meu filho, saí do banco um pouco tonta e comecei a andar na rua sem conseguir parar de chorar.

Foi então que encontrei a tia do agora meu ex-companheiro, a mesma tia que me levara ao Centro de Umbanda e que ao saber o motivo do meu desespero se prontificou em me ajudar.

Disse que uma de suas amigas tinha uma casa para alugar no mesmo bairro em que ela morava.

Nos dirigimos ao local, e sua amiga confiou na minha palavra e me alugou a casa.

Que momento libertador saber que eu teria um teto para ficar com meu filho, não que minha tia fosse nos expulsar, mas eu precisava ter uma casa somente minha e do meu filho e assim fizemos, nos mudamos.

Nossa primeira casa era muito humilde, ficava nos fundos da casa da proprietária, tinham 02 cômodos e um pequeno banheiro do lado de fora que dividíamos com mais 02 rapazes que moravam no mesmo quintal.

Não tínhamos móveis, apenas a televisão antiga que eu peguei no momento da separação pro meu filho.

Mais uma vez, a minha salvadora acreditou em mim e fomos a uma loja onde ela comprou em seu nome o básico para mobiliar nossa pequena casa, eu pagaria as prestações do carnê.

Com o problema do teto pra ficarmos resolvido, eu precisava ir em busca de um emprego e voltei a procurar meu antigo colega fotógrafo para aceitar sua oferta.

Já na agência de modelos, comecei a aprender a arte da fotografia, seu sócio me emprestou uma câmera e assim iniciei meus primeiros cliques.

O que eu não sabia é que meu agora amigo fotógrafo me ensinaria muito mais que fotografar. Ele me mostrou a beleza da vida, através das lentes daquela câmera emprestada eu voltei a observar a imensidão da Natureza.

Através das lentes, eu voltei a viver e passei a desejar vencer, assim como uma pequena planta que enfrenta terreno infértil e cresce forte e firme.

Eu me levantaria e cresceria, creio que eu nunca tenha dito ao meu amigo o quanto ele foi importante na minha vida.

Seu gesto em me ajudar, sem nunca me perguntar os acontecidos e nem mesmo julgar, foram fundamentais pra eu me fortalecer mais ainda.

Embora estivesse aprendendo a fotografar, eu continuei encaminhando currículos.

A vida estava finalmente entrando nos eixos, tínhamos uma casa, meu filho estava na escola e eu trabalhando.

Mas o pai do meu filho ainda me procurava, tentando voltar à nossa relação, se dizia arrependido, que me amava, que sentia falta do filho, e essa situação me incomodava.

Foi então que conheci um rapaz de Joinville/SC, começamos a namorar e o pai do meu filho surtou, mas eu me impus perante ele, que acabou aceitando a situação.

Porém, os assédios não pararam e como ele não estava pagando a pensão estipulada pelo juiz, eu busquei os direitos do meu filho na justiça.

Foi expedido um pedido de prisão, e ele veio na minha casa desesperado.

Como eu já imaginava que isso aconteceria, deixei um recibo preenchido para entregá-lo como se ele tivesse pago sua dívida.

Ao entregar o recibo, deixei claro que estava comprando a minha liberdade, e que eu jamais voltaria a ser sua esposa. Ele me agradeceu e não me assediou mais, a pensão ele nunca pagou e eu nunca cobre.

Ele tinha ciência de que ele não estava tirando de mim, mas sim de seu filho. Eu era muito mulher de criar uma criança sozinha.

Chegou o Natal, nosso primeiro Natal em liberdade, não tínhamos muito dinheiro, mas fiz questão de arrumar a casa com uma árvore feita de galhos secos e comprei dois bonecos baratos de super-herói para presentear meu filho.

Estava combinado de cearmos na casa da Tia que tanto estava me ajudando, sendo assim fui levar os presentes do meu filho para serem entregues pelo Papai Noel.

Ao chegar em sua casa, ela estava conversando com sua filha e eu acabei ouvindo a conversa, a moça dizia que não nos queria na ceia de Natal porque temia que o pai do meu filho arrumasse briga e estragasse a noite de todo mundo.

Sem que me vissem, eu saí arrasada, chorei muito, mas entendi que eu não fazia mais parte da família e precisava caminhar sozinha com o Kawan.

Limpei minhas lágrimas e fui comprar um frango e algumas frutas, informei à Tia que eu e meu filho passaríamos o Natal em nossa casa.

Eu não disse sobre a conversa que ouvi para não magoá-la, e assim fizemos.

Nosso primeiro Natal juntos naquela casa humilde, na pequena mesa tinha arroz, um frango assado e algumas poucas frutas, debaixo da árvore de galhos secos estavam os brinquedos do meu filho.

Este foi o Natal mais maravilhoso da minha vida, tínhamos pouco recurso financeiro, mas estávamos juntos, estávamos livres, estávamos felizes.

Após este fato, decidi que eu e meu filho precisávamos encontrar nosso caminho e passei a buscar outra cidade para morarmos.

Algum lugar onde não nos conhecessem, onde eu não era a ex-mulher do pai do meu filho, mas simplesmente a Kátia, sem passado.

Apenas com o futuro a ser construído, eu queria recomeçar do zero, mas para isso eu precisava trabalhar.

Foi então que fui chamada a uma entrevista de emprego para cuidar de um setor comercial de uma loja de vendas de produtos de informática.

Eu não entendia nada do assunto, mas não poderia perder esta oportunidade.

No momento da entrevista, eu me comportei como se tivesse nascido com um computador na mão, felizmente uma das funcionárias foi muito gentil comigo e me ajudou muito nos momentos em que precisei.

Juntamente com o curso de informática que eu passei a fazer para me inteirar melhor, passei a ser uma ótima aquisição para a loja.

Nossa vida estava finalmente caminhando, tínhamos casa que mesmo sendo muito humilde era nossa casa.

Cap. XI – Nova vida

Eu estava trabalhando e recomeçando um novo relacionamento, mas a ideia fixa de mudar de cidade me acompanhava.

Foi então que surgiu a oportunidade de conhecer a cidade do meu então namorado, o meu filho foi passar as férias com seu pai e eu fui conhecer Joinville.

Quando cheguei à cidade, foi amor à primeira vista, uma arquitetura com predominância alemã, cidade limpa com pessoas educadas e principalmente ninguém me chamava de Kety, e nem me olhavam com pena. Finalmente, eu me sentia uma pessoa normal.

O que era pra ser uma visita de um final de semana se transformou em quase um mês, pois eu fiquei tão encantada com a cidade que decidi que era ali que eu e meu filho iríamos recomeçar nossa vida.

Liguei no meu emprego e expliquei a situação, encontrei uma quitinete para alugar e meu então sogro acreditou em mim e foi meu fiador.

Voltei pra Campinas com tudo resolvido para nossa mudança, todos acharam uma grande loucura. Como eu e uma criança iríamos morar tão longe sem ter algum parente?

Esta era a pergunta que faziam inclusive o diretor da loja em que eu trabalhava, quando eu fui agradecer a oportunidade e esclarecer pessoalmente o motivo da minha mudança.

Lembro-me de que ele pediu para eu não fazer aquela loucura, que eu tinha oportunidade de crescer na loja, porque o setor que eu criei estava caminhando bem, mas eu tinha certeza da minha decisão mesmo todos temendo.

Conversei com o pai do meu filho sobre nossa mudança, ele se irritou no começo, pois ficaria longe do filho, mas percebeu que seria bom recomeçarmos.

Então, ele me ajudou a vender todos os móveis e eletrodomésticos que havíamos comprado. No começo do ano 2000, fomos morar em Joinville cheios de esperanças, eu e meu filho juntos para um novo recomeço.

Em Joinville, mobiliamos nossa quitinete com móveis usados. O local tinha somente 2 cômodos, mas tínhamos um banheiro somente nosso.

Meu filho estava matriculado na escola próxima à nossa casa, eu tinha um novo relacionamento, só faltava emprego para ficar perfeito.

Mas nada é perfeito, nada é tão fácil como parece ser. Logo que chegamos, meu então namorado foi encaminhado para um trabalho no Nordeste onde ficaria 3 meses.

Eu e meu filho teríamos que nos virar sozinhos em Joinville.

A primeira dificuldade foi o intenso frio que chegava a congelar a água de algumas torneiras.

Lembro-me de que na TV diziam que era o frio mais intenso dos últimos 40 anos.

Nós não estávamos preparados para tão baixas temperaturas, as poucas roupas de inverno do meu filho eu lavava em um dia torcendo para secar rápido para ele usar no outro.

Algumas vezes, dormíamos juntos para juntar as cobertas, sem emprego, com o namorado longe e com essa onda de frio intenso meu primeiro impulso foi querer voltar pra Campinas. Mas meu filho estava se adaptando rápido a Joinville, ele já havia feito amigos na escola e no bairro, e por ser uma cidade mais tranquila, ele estava mais livre que em Campinas, então por ele resolvi e insisti em ficar.

Foram períodos muito difíceis, a pensão militar que eu ganhava dava somente para pagar o aluguel, a água e a luz e não sobrava quase nada pois eu estava desempregada.

Mesmo entregando currículos, eu ainda não tinha nada em vista, muitas vezes faltava dinheiro até para comprar pão e leite.

Então, o jeito era usar a imaginação.

No prédio onde morávamos, tinha uma moita de capim cidreira onde eu colhia o capim para fazer chá pro café da manhã do meu filho, e no lugar do pão eu fazia bolinho de chuva.

Eu dizia que era café da manhã especial pra ele não perceber que na realidade era a única coisa que eu podia lhe oferecer.

Eu não achava justo que ele voltasse a se preocupar, ele tinha direito a uma infância tranquila depois de tudo que já havia passado e ele amava o chá com bolinho de chuva.

Como o horário da escola era intermediário, algumas vezes eu lhe servia almoço e dizia que estava sem fome, mas a realidade era que eu precisava deixar comida para ele jantar.

Nesses dias, eu ficava com fome e chorava muito, mas ao mesmo tempo agradecia por ver meu filho feliz.

Nos finais de semana, mesmo meu namorado estando longe, nós íamos pra casa dos pais dele, lá eu sabia que teríamos comida e meu filho teria a companhia das crianças da casa pra brincar.

As pessoas em minha volta não sabiam da minha situação, eu não queria que tivessem pena de mim e assim, levamos a vida até um senhor dono do bar que tinha abaixo do prédio me chamar para ajudar a fazer salgados porque sua esposa estava doente. Aceitei a oferta.

Era um trabalho puxado, mas me garantia um dinheiro extra e sempre o dono do bar me deixava levar um pouco de recheio pra casa, o que garantia comida.

Finalmente fui chamada para uma entrevista de emprego. Chegando ao local, percebi que se tratava de um escritório de Marcas e Patentes.

Eu realmente não fazia ideia do que isso significava, mas percebi que tinha alguns folhetos explicativos sobre a mesa de centro da sala onde eu estava juntamente com várias outras candidatas.

Enquanto elas conversavam entre si, eu me concentrei em ler os tais folhetos.

Ao sermos encaminhadas para outra sala, o dono da empresa perguntou se alguma de nós tinha conhecimento sobre Marcas e Patentes.

Eu fui a única que respondi que sim, e este foi um diferencial positivo sobre minhas concorrentes à vaga.

Após a entrevista individual, eu estava contratada para o setor comercial da empresa.

Neste momento, nossa vida começou a mudar, meu filho estudando, eu trabalhando e meu namorado havia voltado.

Estávamos realmente nos estabelecendo em Santa Catarina. Infelizmente, eu descobri algumas falcatruas na empresa em que eu estava trabalhando.

Falcatruas estas das quais, por princípios, eu jamais poderia fazer parte, então me desliguei da empresa, porém logo fui contratada pela concorrente, na qual eu permaneci por 12 anos.

Neste período, eu paguei os estudos do meu filho, nos mudamos da pequena quitinete para uma casa maior, e depois outra.

Quando vimos, estávamos morando em uma casa confortável, eu não precisava mais ficar com fome para meu filho poder se alimentar.

Tínhamos fartura na mesa, nossa casa estava toda mobiliada ao nosso gosto.

Algumas vezes, eu e meu filho parávamos para olhar o local em que estávamos morando e chorávamos de emoção por termos conseguido.

Nossa mudança para Joinville foi algo engrandecedor, meu contato com o povo catarinense me deu muito mais que a chance de um recomeço.

Com eles, eu aprendi a ser forte, a transformar a dor em força e não desistir dos meus objetivos, mesmo que pareçam difíceis demais.

Lembro que houve uma grande enchente em Blumenau, onde várias pessoas perderam suas casas e um senhor idoso foi entrevistado pela TV local, aquele senhor às lágrimas por ver toda uma vida sendo levada pelas águas disse ao repórter que ele iria reconstruir tudo novamente, que o repórter poderia voltar tempos depois que o veria com sua casa de pé e com tudo que ele havia perdido pela enchente.

Então, eu percebi que suas lágrimas não eram de desespero, e sim de confiança em si próprio, porque ele sabia que era capaz.

Assim é o povo de Santa Catarina, um povo que não se entrega e luta.

Sou eternamente grata a este povo que me ensinou a lutar, que me ensinou que não podemos nos acostumar a ser vítima, não devemos nos lamentar sempre perguntando o porquê de tal fato nos acontecer.

Temos que levantar e nos perguntar pra que tal fato aconteceu e então mudar a nossa história, fazer da dor nosso combustível para vencer. Com este exemplo de garra, eu segui minha vida, jamais desistindo de lutar.

Hoje me sinto sim uma vencedora, meu filho é um homem de caráter e responsável, tem sua própria família, ganha seu

sustento trabalhando honestamente, é um homem que caminha conforme sua consciência.

Eu encontrei um homem que me ama e me respeita, não é o mesmo namorado mencionado anteriormente, é outro relacionamento, um homem que me incentiva sempre.

Hoje, estamos dividindo o mesmo teto em São Paulo, porém sou livre para ficar ou ir, mas ele me dá lindas razões para ficar ao seu lado.

Porém, se por algum motivo eu sentir vontade de sair do seu lado, sou livre para tanto, deixo claro que eu o amo no dia atual, mas não prometo amá-lo para sempre, porque na vida nada é para sempre, estamos em constante mutação.

Quando minhas lembranças voltam ao passado e eu me pergunto se eu mudaria algo na minha vida, eu realmente creio que não, pois se assim o fizesse eu não seria a mulher que sou hoje.

Eu não teria como ajudar milhares de mulheres que estão passando pelas situações de abusos pelas quais eu passei.

Além de conversar com quem me procura em busca de apoio, eu saio às ruas uma vez por mês entregando flores às mulheres com mensagens de empoderamento e aos homens com mensagens de amor e respeito às mulheres, e assim eu tenho a resposta para a pergunta: Pra que passei por tantas provações? E a resposta é para ajudar.

Cap. XII – Meu agressor

Quando nos livramos do papel de vítima e passamos a lutar, as lembranças ficam menos penosas.

Embora o sofrimento jamais seja esquecido, tem noites que eu sonho e revivo cada momento do horror.

Parece tão real que acordo muito assustada e envolvida pelo medo, então me alivia ver que foi um pesadelo e que as atrocidades vividas não fazem mais parte da minha nova vida.

Eu realmente não merecia passar por nada que passei, eu merecia ter sido sempre amada e respeitada.

Porém, eu reconheço que minhas agressões começaram bem antes de eu ter conhecido o pai do meu filho, elas começaram em sua infância.

Ele foi o caçula de 6 filhos de sua mãe, mãe esta que tinha problemas mentais.

Foi estuprada, engravidou e foi obrigada a casar-se com seu estuprador, um homem bem mais velho que jamais foi pai para seus filhos.

Meu agressor conheceu bem cedo a violência e o abandono.

Sendo assim, ele me deu o que aprendeu na vida, porque só podemos dar o que temos.

Embora ele tivesse um lado extremamente generoso e amoroso, ele não sabia como amar sem aprisionar. Não quero justificar

todas as atrocidades que ele cometeu comigo, mas sim mostrar que uma criança precisa ser amada, protegida e não sofrer violência e abandono.

Uma criança que é amada aprende a amar e dará amor na vida adulta, assim como uma criança que aprendeu violência dará violência no futuro.

O pai do meu filho reconheceu a crueldade que cometeu comigo e me pediu perdão por todos os seus atos.

Não ficamos melhores amigos, mas tínhamos uma relação respeitosa e de admiração.

Eu admirava seu desprendimento pelo materialismo, sua capacidade de ajudar ao próximo sem esperar nada em troca.

Admirava seu talento artístico nato, tenho certeza que ele jamais teria cometido tanta monstruosidade se tivesse a oportunidade de ter uma infância cercada de amor e proteção.

Infelizmente, ele faleceu antes de eu terminar este livro. Mas quando o livro ainda era somente um projeto, ele me autorizou e me incentivou a escrevê-lo dizendo que era importante eu mostrar o que uma pessoa é capaz de fazer a quem ama.

Que muitas vezes, por medo de perder, violenta a pessoa amada para mantê-la ao seu lado mesmo que seja através do medo.

Creio que ele estava se referindo a ele.

Muitas pessoas não entendem que quando uma mulher convive com um agressor, ela passa a viver em um mundo fora da realidade.

Essa mulher acredita que somente ela está passando por esta situação e que não há saída, ainda mais quando muitas pessoas dizem que ela é mulher de malandro, que apanha porque no fundo gosta de apanhar, que já se acostumou com essa vida.

Esses comentários, entre outros, aumentam ainda mais o medo da mulher agredida em buscar ajuda, porque ela no fundo sabe que poucas serão as pessoas que irão ajudá-la.

Então, ela entra em um estado de acomodação, ela perde totalmente a sua identidade.

A referência de felicidade de uma mulher que convive com um agressor é diferente da maioria das mulheres que não vivenciam essa triste realidade.

A felicidade da mulher agredida resume-se a migalhas, pequenos momentos que o agressor disponibiliza a ela para que ela acredite que ele é o único capaz de fazê-la feliz.

Eu chamo esse estado doentio vivido pela vítima agredida de estado de coma porque ela está viva sem estar vivendo.

A liberdade é nosso maior tesouro, nascemos para sermos livres para ficar ou ir.

Se desejares manter uma pessoa ao seu lado, dê motivos para que fique por vontade própria, não aprisionada pelo medo.

Mulher, saiba que você, assim como todo ser humano, merece ser amada e respeitada, não abandone seus sonhos, não se abandone, você é capaz de grandes feitos, acredite em você e jamais permita que ninguém retire o seu direito à felicidade.

Caso você esteja vivenciando uma relação abusiva, busque ajuda, não se aprisione pelo medo e pela vergonha, você não merece uma vida de agressões.

Kátia Osório

Agradecimentos

Agradeço ao meu filho Kawan, ao meu atual companheiro Robson Marcelo, à amiga Aline Silva e aos amigos que aparecem na história, pessoas que me apoiaram e me encorajaram a expor a minha história.

Agradeço também ao homem que tanto me fez mal, mas reconheceu seus erros, pediu perdão e me fez conhecer o grande poder de perdoar, porque somente assim, concedendo o perdão verdadeiro, podemos dar continuidade à nossa vida.

Agradeço à empresa AKDW Desenvolvimento Web pela parceria e a oportunidade de concretizar este projeto que é meu livro.

Dedicatória

Dedico este livro a duas pessoas:

Ao meu amado filho Kawan que sempre foi e continua sendo a minha fortaleza, ainda muito criança soube me levantar nos momentos de queda, muito obrigada, meu filho, sem você na minha vida eu não teria conseguido.

À mulher que me salvou e me ajudou, em troca me pediu apenas que eu ajudasse outras pessoas e pedisse para que essas outras pessoas ajudassem outras e assim sucessivamente, porque desta maneira faríamos uma corrente do bem.

Tia Ilda infelizmente faleceu antes de poder ler meu livro. Mas deixo registrada a minha gratidão à mulher que foi minha luz onde eu só enxergava escuridão.

“Minha fome pela liberdade me aprisionou e a mesma fome pela liberdade me libertou”

Neste livro eu conto minha experiência ao lado daquele que foi meu agressor. A trajetória que me levou a este relacionamento, as dificuldades em buscar ajuda e como eu criei coragem para sair da relação abusiva que quase me matou. O livro tem o intuito de ajudar outras mulheres que estão passando por esta situação tão difícil e corriqueira, espero que através da minha história outras mulheres se encorajem e consigam se libertar para uma vida sem violência e feliz.

Kátia Osório